



A sublimação estendida: prazer, imaginação e realidade histórico-social no pensamento de Cornelius Castoriadis*

*Fernando Urribarri***, Buenos Aires

Este trabalho aborda uma série de ideias renovadoras de Castoriadis sobre a sublimação organizada segundo três eixos. No primeiro eixo apresenta a re-elaboração e extensão geral da sublimação. Faz referência à concepção da sublimação estendida, por um lado como socialização e, por outro, como trabalho da imaginação radical. No segundo eixo, expõe uma série de aportes teóricos para o conceito de sublimação. Estes podem ser considerados como o complemento metapsicológico da extensão geral da sublimação correspondente ao primeiro eixo. Aborda as modificações introduzidas na compreensão das noções de objeto da sublimação, prazer sublimatório, dessexualização, tópica da sublimação e, especialmente, uma original ideia de apoio. No terceiro eixo, trata algumas questões fundamentais para pensar a dimensão pulsional da sublimação, especificamente, as noções de paixão e de desejo de dominação da realidade.

Descritores: Sublimação. Socialização. Prazer. Imaginação. Cornelius Castoriadis.

* Este artigo retoma e desenvolve as ideias apresentadas em três conferências proferidas na École D'Hautes Études de Paris (1999), Columbia University of New York (2000), Centre International Colloques de Cerisy (2003).

** Membro da Associação Psicanalítica Argentina. Coordenador do Seminário de Investigação sobre a Psicanálise Francesa Contemporânea "Espaço André Green". Foi discípulo de C. Castoriadis.



A falta de uma teoria coerente da sublimação segue sendo uma das lacunas do pensamento psicanalítico (Laplanche; Pontalis, 1967, p. 385).

Graças a Deus existe entre nós um pensador como Cornelius Castoriadis que insiste no papel da imaginação radical para interpretar os fenômenos da causalidade histórico-social (Green, 2000, p. 245).

Cem anos depois do artigo princeps de Freud sobre os princípios do funcionamento psíquico, seu aporte mostra-se tão fundamental como necessário seu aprofundamento e atualização. Neste sentido, um dos aportes contemporâneos mais interessantes e fecundos é constituído pelo trabalho sobre a sublimação do grande pensador francês de origem grega Cornelius Castoriadis. A originalidade da reflexão sobre a sublimação deste singular filósofo e psicanalista é tributária de sua dupla elucidação do histórico-social e da psique.

Por um lado, articula a teorização da sublimação com a do campo histórico-social, criando uma nova perspectiva geral para pensar a questão. Por outro, reelabora diversos aspectos fundamentais deste conceito, como os do prazer sublimatório, seu singular objeto social e o papel fundamental da imaginação. Ambas as dimensões convergem e produzem o que proponho chamar de uma concepção estendida da sublimação. Uma extensão que proporciona aos psicanalistas elementos chave para pensar o prazer e a realidade em nossa época.

Este trabalho inovador não constitui, entretanto, uma teoria geral da sublimação. Na verdade essa nunca foi elaborada sistematicamente como tal. O que encontramos na obra de nosso autor é, na verdade, uma série de elucidações apresentadas, às vezes como formulações explícitas, precisas e extensas e, outras, como indicações. Inclusive, eu sei por experiência, por ter discutido o assunto longamente com ele, que somente em seus últimos anos Castoriadis chegou a reconhecer que suas ideias sobre a sublimação iam mais além da mera utilização dos conceitos freudianos e que, embora tivessem, certamente, um cunho freudiano, eram ideias originais.

Por isso, considere importante resgatar estas elaborações de Castoriadis e creio que o mais pertinente é apresentá-las como uma série de ideias. Estas se caracterizam, em geral, por combinar em diversas proporções os dois polos de elucidação de Castoriadis sobre a psique¹: a psique como imaginação radical e a

¹ Para uma visão geral das ideias e dos textos “psicanalíticos” de Castoriadis, sugiro consultar meu prólogo ao livro de Castoriadis, *Hecho y por hacer* (1998). Para uma introdução conceitual a sua elucidação da psique, consultar meu artigo *Psique: imaginação e história* (1999).



psique como história (ou seja, como temporalidade, fluxo de autoalteração, e como historicidade, co-determinada pela relação com o social).

Abordarei, então, esta série de ideias renovadoras de Castoriadis sobre a sublimação (que são apresentadas, em sua obra, em diferentes artigos ao longo de vários anos) de acordo com uma articulação pessoal organizada segundo três eixos. No primeiro eixo – após estabelecer a diferença de perspectivas com o pensamento de Freud – apresentarei a reelaboração e extensão geral da sublimação segundo Castoriadis. Farei referência à concepção da sublimação estendida: por um lado como socialização e, por outro, como trabalho da imaginação radical.

No segundo eixo, exporei uma série de aportes teóricos para o conceito de sublimação. Estes podem ser considerados como o complemento metapsicológico da extensão geral da sublimação correspondente ao primeiro eixo. Abordarei, então, principalmente, as modificações introduzidas na compreensão das noções de objeto da sublimação, prazer sublimatório, dessexualização, tópica da sublimação e, especialmente, uma original ideia de apoio.

No terceiro eixo, farei uma breve referência a algumas questões fundamentais para pensar a dimensão pulsional da sublimação presentes em alguns textos de *Hecho y por hacer* (Castoriadis, 1998). Especificamente, as noções de paixão e de desejo de dominação da realidade. Para terminar, farei um breve comentário crítico sobre as ideias de Castoriadis sobre a sublimação.

1 Socialização e imaginação: uma nova perspectiva

1.1 Castoriadis e Freud

“Freudiano fervoroso”, – como gostava de se definir, Castoriadis parte de Freud². Por isso é conveniente começar lembrando brevemente a concepção freudiana da sublimação. No *Vocabulário de psicanálise*, Laplanche e Pontalis (1967, p. 315) escrevem o seguinte: “SUBLIMAÇÃO: – Processo postulado por Freud para explicar certas atividades humanas que aparentemente não guardam relação com a sexualidade, mas que encontrariam sua energia na força da pulsão sexual. Freud descreveu como atividades deste tipo a atividade artística e a pesquisa intelectual. – Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo fim não sexual e aponta para objetos socialmente valorizados”.

Apesar de alguma indicação secundária, a perspectiva geral de Freud usa como modelo a atividade artística e a investigação intelectual. A sublimação é

² Para uma visão geral do percurso psicanalítico de Castoriadis, sugiro consultar meu artigo *Castoriadis, Lacan y el Postlacaniano* (2002).



pensada como um destino infrequente da pulsão e, em grande medida, reservada a sujeitos extraordinários. O modelo com o qual esta ideia funciona é o de Leonardo Da Vinci. Desde esta perspectiva restringida e restritiva, a psicanálise freudiana e pós-freudiana tende a limitar a concepção da sublimação à mudança de meta pulsional. Isto condenará estas teorias a pensar a sublimação excessivamente, e quase exclusivamente, intrapsíquica.

Correlativamente, descuida-se e minimiza-se a importância da mudança de objeto. Como, na definição do *Vocabulário*, diz-se que a sublimação “aponta” para os objetos. O objeto e a sociedade a qual pertencem aparecem como externos ao próprio processo. Em contraste com Freud, a perspectiva de Castoriadis está definida pelo interesse sobre o modo de funcionamento comum do indivíduo na sociedade. O modelo de Castoriadis é o cidadão normal, não o criador extraordinário.

Veremos, então, que a primeira modificação introduzida por Castoriadis é, por assim dizer, de perspectiva: o ângulo para pensar a sublimação é estendido ao ser colocado em relação com o campo histórico-social. Esta perspectiva não é definida pela pergunta sobre como é possível a criação artística, mas a vida cotidiana dos seres humanos, que é sempre uma vida social.

1.2 Sublimação e socialização

Podemos dizer que a noção de sublimação constitui o vetor metapsicológico da teorização do processo de socialização. A sublimação é conceitualmente estendida ao ser re-situada e redefinida em relação a este processo. Ela é postulada como a dimensão intrapsíquica do processo de socialização. Em primeiro lugar, a sublimação é situada de uma maneira nova. Cito: “A sublimação não é nada além do que o aspecto psicogenético ou ideogenético da socialização, ou a socialização considerada como processo psíquico” (Castoriadis, 1975, p. 238).

Logo, com base nesta nova perspectiva estendida, é redefinida como:

[...] o processo através do qual a psique é forçada a substituir seus objetos privados ou próprios de carga libidinal (inclusive sua própria imagem) por objetos que são e valem em e por sua instituição social e a transformá-los em ‘causas’, ‘meios’ e ‘suportes’ de prazer psíquico (Castoriadis, 1975, p. 240).

Do ponto de vista psicanalítico, a originalidade da ideia de processo de socialização consiste em definir e elucidar o processo de constituição, organização



e desenvolvimento do psiquismo como essencialmente *co-determinado* pela sua relação com o social.

A *co-determinação social da psique* postulada por Castoriadis radicaliza e supera as ideias freudianas que reconhecem no social um polo de conflito psíquico. Pois já não se trata somente da presença do social do lado da defesa, do ego, do superego, etc. Também será preciso reconhecer a incidência do social no próprio âmbito do desejo inconsciente. Como exemplo, podemos mencionar a pulsão anal, a erogenização da zona anal e a constituição das fezes como objeto libidinal, impossíveis de compreender fora do processo de socialização, da significação social da propriedade aportada pela mãe, etc.

Esta radicalidade da ideia de co-determinação social da psique após a ruptura da mônada psíquica³ (o “autismo” do narcisismo primário absoluto) tem como contrapartida a ideia de uma oposição radical, irreduzível entre a psique e a sociedade. Mas psique e sociedade, além de irreduzíveis, são indissociáveis, já que uma precisa da outra para existir. A sociedade precisa de indivíduos socialmente formados que a componham e perpetuem. A psique precisa socializar-se para sobreviver.

O processo de socialização é aquele pelo qual a sociedade e a psique procuram resolver reciprocamente estas necessidades. A originalidade da teorização deste processo provém da elucidação do modo de ser do histórico-social e da psique como imaginário social radical e como imaginação radical, respectivamente. O processo de socialização fundamenta-se no fato de que, para a psique e a sociedade, há e deve haver sentido não funcional, sentido imaginário.

A psique e a sociedade são e vivem através da construção de um mundo próprio de sentido. A condição que o modo de ser da psique impõe ao processo de socialização é que a sociedade, ao arrancá-la do isolamento monádico original, traga a resposta para sua necessidade absoluta de sentido. A sociedade responde mediante as significações imaginárias sociais. Estas criam o sentido próprio de cada sociedade. Compõem um mundo “completo”, enclausurado, de sentido que entrelaça de maneira indissociável a *tripla dimensão da representação, do afeto e do desejo ou intenção*. Como dimensão psíquica do processo de socialização, a sublimação será o processo pelo qual a psique chegará a incorporar as significações

³ A mônada psíquica é postulada por Castoriadis como a primeira etapa da evolução psíquica (e o estrato basal e o imperecível do psiquismo inconsciente). Esta se caracteriza – desde o ponto de vista do sujeito psíquico originário – por um funcionamento fechado em si mesmo, segundo um esquema de criação de sentido “ego=tudo=sentido=prazer” (1975, p. 246). O leitor familiarizado com a obra de Piera Aulagnier reconhecerá as equivalências com a etapa originária (e o funcionamento pictogramático).



e seu modo de funcionamento, de dar sentido. Partindo desta nova perspectiva, então, a sublimação é estendida em vários aspectos.

De processo extraordinário, próprio de seres extraordinários, passa a ser considerada um processo universal que define a constituição do psiquismo dos seres humanos em geral. De processo delimitado (ou, em outras palavras, de destino da pulsão), passa a ser um processo estendido em dois sentidos: por um lado evolutiva ou temporalmente ao longo do processo de desenvolvimento do psiquismo, por outro lado, também estendido metapsicologicamente. Um exemplo desta dupla extensão é a ilustrativa e provocativa fórmula que afirma que “falar já é sublimar”. Isto seria assim devido a que a finalidade de falar é comunicar-se e não obter prazer sexual e que a linguagem é um objeto social.

Para fixar as ideias, poderia sintetizar o que abordamos até este ponto com a seguinte fórmula: *sublimar é socializar-se*. Ou seja, assimilar as significações imaginárias sociais, seu conteúdo e sua lógica. Sublimar é, então, um trabalho psíquico de transformação (criação e reorganização) da representação, de dar sentido no e por meio das significações imaginárias sociais. Portanto, dizer que sublimar é criar sentido ou dar significação equivale também a dizer que *sublimar é imaginar*.

1.3 Sublimação e imaginação

Castoriadis postula duas condições essenciais para a sublimação. Uma é a imaginação radical, a outra é o predomínio do prazer de representação sobre o prazer de órgão⁴. A *imaginação radical* é condição da sublimação em múltiplos aspectos, mas, antes de tudo, é seu próprio elemento, seu próprio fundamento. A psique é imaginação radical, ou seja: um fluxo indeterminado de representações, afetos e desejo que é criação e emergência do sentido para a psique. É na imaginação radical e por ela que a psique existe no sentido, que deve e pode viver tudo como sentido. Sentido que, para o ser humano, é *sentido a-funcional, sentido imaginário*. Sentido que não é predeterminado pelas regulações biológicas, instintivas.

Uma das características da imaginação radical, especialmente importante para a sublimação, é que torna possível o simbolismo, o “quid pro quo”, a capacidade de ver numa coisa outra coisa diferente. Desta maneira, a imaginação radical torna possível para a psique, por exemplo, a linguagem (o que é quase a mesma coisa que dizer que torna possível a sublimação). Por sua vez, o *predomínio*

⁴ Para um estudo específico da teoria da psique e da imaginação radical sugiro consultar meu artigo, *The radical imagination and the poslacanian unconscious* (2002).



A sublimação estendida: prazer, imaginação e realidade histórico-social no pensamento de ...

do *prazer de representação* sobre o prazer de órgão se apoia na capacidade da imaginação radical de criar representações que são fonte de prazer.

Na sublimação, a imaginação radical da existência confere existência, para a psique, das significações imaginárias sociais. Esta criação é a condição de possibilidade de outro aspecto do processo de sublimação: a transformação das significações em objetos, causas ou suportes de um prazer de representação social. A sublimação é, então, elucidada por Castoriadis como um processo, ao mesmo tempo co-determinado pela sociedade e pela criatividade absoluta da imaginação radical da psique. *Sublimar é socializar-se e sublimar é imaginar*. Estas duas ideias inseparáveis entre si – e inseparáveis da elucidação geral do modo de ser da psique e do histórico-social – definem a perspectiva estendida do conceito de sublimação em Castoriadis.

2 Reelaboração e aportes metapsicológicos

Como já antecipei, abordarei agora uma série de noções psicanalíticas ligadas à sublimação que Castoriadis conceitua de uma maneira original. Agrupei-as em quatro pontos: sobre o objeto da sublimação, sobre a dessexualização, sobre o prazer sublimatório e sobre a noção de apoio.

2.1 Sobre o objeto

Castoriadis faz uma redefinição metapsicológica da sublimação e o faz postulando que a sublimação implica uma conversão ou uma mudança de finalidade da pulsão, mas *sempre e essencialmente uma mudança de objeto no sentido mais amplo do termo*. Mas a que nos referimos quando falamos em objeto de sublimação? Cito:

O objeto da sublimação é e vale somente pela sua instituição social. Equivale a dizer que a sublimação é a carga de representações – ou de estados da representação – cujo referencial não é mais um ‘objeto privado’, mas um objeto público, ou seja, social. E estes objetos sociais são, na verdade, ‘invisíveis’ ou ‘insubstanciais’: valem em virtude de sua constituição ou de sua impregnação pelas significações imaginárias sociais (Castoriadis, 1975, p. 240).

Comentar essas ideias poderia merecer um texto inteiro. Somente destaco que a ênfase colocada na mudança de objeto da pulsão no processo sublimatório



é o postulado metapsicológico correlativo e complementar da extensão geral da sublimação. Entre as consequências – e as potencialidades – desta extensão de sublimação, podemos mencionar a modificação da tópica psíquica. O que se coloca em jogo é uma articulação com o intersubjetivo e com o social baseada num modelo de psiquismo heterogêneo e aberto. Quanto à sublimação em particular, é redefinida topicamente como o processo de “instauração de uma interseção não vazia do mundo privado e do mundo público, conforme – ‘suficiente quanto ao uso’ – as exigências da instituição social” (Castoriadis, 1975, p. 252).

Segundo Castoriadis, o objeto da sublimação é – ou adquire seu sentido de – uma significação imaginária social. Ou seja, a sublimação é essencialmente um processo psíquico de significação. Como é evidente, o objeto já não é “algo (quase externo) para onde aponta a sublimação”, mas algo – força e sentido – que é parte essencial da sublimação e que vetoriza de dentro o próprio processo.

2.2 Sobre a dessexualização: sublimação e repressão

Para Castoriadis, *a sublimação não pode ser definida nem somente nem necessariamente como dessexualização da pulsão*. O critério energético é impreciso e insuficiente para definir a sublimação. Não é possível estabelecê-lo como sinônimo, nem como aspecto principal do processo sublimatório, pois o grau e a modalidade da *dessexualização* requerida para sublimar não estão – nem podem estar – definidos pelo sujeito, mas são cultural e historicamente variáveis de acordo com a instituição social (com base na qual o sujeito deverá compor seus “indicadores” sublimatórios “intrapíquicos”). Castoriadis postula que esta *dessexualização* se define em cada caso como “suficiente quanto ao uso e à necessidade” social.

Embora a dimensão energética seja ineliminável, esta pode ser relocada no contexto desta teoria dizendo que não se trata – como ilustra a metáfora química – de uma transformação da energia sexual em energia dessexualizada e sim de uma transformação do regime de criação e de dar sentido da psique. De acordo com este ponto de vista, a sublimação é *um avatar do prazer de representação*. É por isso que Castoriadis escreve que “*repressão e sublimação não são dois destinos da pulsão excludentes entre si*, são distribuições da energia de libidinização entre as representações antigas e as representações alteradas e novas” (Castoriadis, 1975, p. 241).

2.3 Sobre o prazer sublimatório

A questão do prazer sublimatório é uma das mais obscuras. Do trabalho de Castoriadis é possível extrair algumas indicações substantivas sobre este tema.



Como vimos, a socialização implica essencialmente a incorporação das significações imaginárias sociais. O afeto é uma das três dimensões ou componentes essenciais destas. Castoriadis (1998) dá o exemplo da fé católica. Este afeto – além de se apoiar no ser da psique – é uma criação sócio-histórica. Sem este afeto, o processo de criação histórica de indivíduos católicos teria sido impossível.

Socializar-se e sublimar é, então, uma maneira de sentir-se no mundo. É isto que faz que indivíduos de sociedades diferentes não apenas “interpretem” ou “vejam” o mundo e a vida de maneira diferente, mas que o habitem e vivam sentindo-o de outra maneira. Se este sentir não fosse, a sua maneira, prazeroso pelo menos no sentido amplo, não seria eficaz nem funcional. A socialização não poderia funcionar e, portanto, as sociedades não poderiam existir. Este afeto social prazeroso, próprio das significações imaginárias, deve ser considerado capaz de orientar o processo de sublimação.

Um complemento desta ideia geral é o postulado de que, para o indivíduo social, aparece um novo tipo de prazer, o prazer sublimatório. O indivíduo deve e pode encontrar prazer numa modificação do *estado de coisas* externo a ele, ou na percepção de tal *estado de coisas*. Para um indivíduo social deve ser possível obter prazer trabalhando, passeando pela cidade, conversando com um amigo ou colecionando selos.

Um dos elementos importantes deste processo, que incide e define este novo tipo de prazer, está na sua relação com o processo identificatório. Este modelo identificatório é, em um de seus polos, uma significação imaginária social. Mas o importante quanto ao prazer sublimatório é que o que, através do modelo identificatório, é também objeto de carga libidinal é sempre uma “imagem” do indivíduo para si próprio, mediatizada pela “imagem” que ele representa para si e fornece aos outros.

Ou seja, o prazer sublimatório deve ser pensado como resultado da combinação de diferentes registros afetivos: assim, por exemplo, a satisfação do desejo transformado em desejo de transformação no real e do real (por trás do qual ressoa o desejo sexual de dominação da realidade), como também o do sentimento narcisista de realização identificatória e como o sentimento de pertencimento e participação próprios de cada sociedade.

2.4 Sobre o apoio

A ideia freudiana de apoio é usada de maneiras muito diferentes por Castoriadis. Usa-a para estabelecer a relação do imaginário instituído com o primeiro estrato natural no nível do imaginário social. Usa-a para caracterizar a



relação intrapsíquica entre colocar em imagem e dar sentido. E usa-a também para pensar a sublimação.

Apesar das diferenças de níveis e domínios a que correspondem os diferentes usos, há algo que não varia: a figura do apoio é usada sempre para dar conta da dimensão “magmática” de uma relação, ou seja, é impossível reduzi-la à lógica matemática ou “conjuntista identitária”. *Quer dizer que a figura do apoio constitui uma figura específica dessa lógica da criação – “lógica dos magmas”*⁵ segundo a terminologia de Castoriadis.

Este uso da noção de apoio parece-me consubstancial com a *lógica dos magmas*. É justamente devido à impossibilidade de estabelecer uma relação de causa e efeito entre o social e o psíquico que esta noção estendida de apoio encontra o seu lugar. Ela permite pensar a *complexidade e a circularidade da criação no processo de sublimação*. Quanto à sublimação, o uso da noção de apoio na reflexão de Castoriadis é duplo. Por um lado, o termo “apoio” é utilizado explicitamente. Mas, por outro lado, também existe uma determinada ideia ou figura do apoio que é usada implicitamente na elucidação da sublimação e do processo de socialização.

A noção freudiana de apoio implica basicamente duas ideias: uma ideia de coexistência: apoio é coexistência; uma ideia de criação na qual o novo se baseia e é condicionado pelo anterior. Para Freud, o processo de passagem do autoconservativo para o sexual ocorre pela via do apoio. Estas duas linhas da noção freudiana estão presentes na reflexão de Castoriadis sobre sublimação. Vejamos. Por um lado, estão presentes na definição da sublimação como “coexistência impossível e sempre alcançada do privado e do público”; por outro lado, estão presentes na ideia de que, na emergência da sublimação, há, como na passagem do somático para o psíquico, ruptura e criação. Mas há pelo menos outras três ideias de Castoriadis que se relacionam com a noção ou com a figura do apoio.

A primeira é a ideia de que a sublimação pode encontrar sua fonte, sua orientação e seu objeto no terreno sexual. Esta ideia é encontrada na descrição do processo evolutivo de socialização, particularmente na relação com a mãe.

A segunda é a ideia explícita de que a socialização se apoia no ser da psique

⁵ Castoriadis postula que tudo que é ou existe (no plano físico, biológico, psíquico e social) comporta uma dupla dimensão: determinada e indeterminada. A primeira funciona segundo a “lógica tradicional” (lógica dos conjuntos matemáticos e o princípio de identidade) ou “conjuntista-identitária”. A segunda dimensão, por definição aberta/tendente à criação, às transformações qualitativas, funciona segundo a “lógica dos magmas”: “um magma é aquilo de que se pode extrair (ou construir) organizações conjuntistas-identitárias, mas jamais pode reduzir-se a estas” (1975, p. 288). Como exemplos ilustrativos Castoriadis propõe a psique e a sociedade.



– na sua necessidade absoluta de sentido – e em seus esquemas, ao mesmo tempo que, reciprocamente, a psique impõe condições à socialização. Cito: “A instituição do indivíduo social se apoia no ser da psique” (e aqui o termo de apoio adquire um conteúdo distinto) (Castoriadis, 1975, p. 253).

A terceira é a ideia, correlativa à anterior, de que a sublimação emerge e funciona sempre se apoiando no social. Ou seja: em toda a rede imaginária social sobre a qual se apoia o objeto da sublimação e que a psique não tem necessidade de reconstruir, nem de assumir completa nem permanentemente.

3 Inovações: desejo de dominação da realidade e da paixão

3.1 O desejo de dominação da realidade: da ruptura da mônada à sublimação

Em seu artigo *Paixão e conhecimento*, após lembrar o básico de sua conceituação de sublimação, Castoriadis (1998) escreve o seguinte: “Esta elucidação pode e deve ser complementada a partir de outro elemento: o desejo de dominação da realidade (e do próprio corpo do sujeito)” (p. 161). Esta é uma das raras ocasiões, se não a única, em que formula explicitamente uma nova contribuição para sua reflexão sobre a sublimação.

Castoriadis toma a noção de desejo de dominação da realidade da obra de Freud. O que ele propõe é considerar o desejo de dominação da realidade como “a reprodução e a transposição para a realidade da onipotência narcisista originária, a onipotência do sujeito monádico” (Castoriadis, 1998, p. 162).

O desejo de dominação da realidade surge após a ruptura da mônada psíquica originária. Expressa uma das reações da psique diante da existência da realidade externa. Esta realidade é objeto de um desejo que busca dominá-la, conferindo-lhe sentido mediante seus próprios esquemas monádicos.

Após a ruptura da mônada, a psique separa ou divide a investitura libidinal. Por um lado, conserva uma investitura muito forte de si mesma, de sua própria imagem, da qual Castoriadis diz ser a condição da própria vida psíquica. Por outro lado, uma parte da investitura será dirigida para os objetos do mundo sob a forma de uma pulsão de dominação da realidade. O novo esquema monádico alterado pela clausura seria algo assim como ser um *em/com* tudo.

As novas contribuições consistem, em primeiro lugar, em postular o desejo de dominação da realidade como um dos motores da sublimação. Em segundo lugar, em indicar que, já que o desejo de dominação da realidade expressa uma busca de sentido segundo um esquema monádico, este será determinante também para a sublimação. Com maior exatidão: o esquema monádico – alterado pela



ruptura da clausura da psique originária – constituirá um dos fundamentos desse trabalho de dar sentido que é a sublimação. Em terceiro lugar, que, nesta fase, *a autoinvestidura narcisista e a pulsão de dominação – apesar da prioridade da primeira – são uma condição da outra*. E as duas são condição da sublimação.

A abertura para o mundo apoia-se numa desabsolutização do narcisismo primário, tolerada na medida em que se conserva uma forte investidura positiva de si mesmo, da autorrepresentação. Contando com este suporte – identificatório –, é aceita a existência de um mundo diante do qual surgirá o desejo de dominação.

Para Castoriadis, a libidinização absoluta da autorrepresentação fechada da mônada psíquica originária é encontrada no indivíduo social conservada e, ao mesmo tempo, radicalmente alterada, como importância ineludível para o indivíduo da “integridade de sua imagem, de sua autorrepresentação, enquanto seu suporte final de todo sentido e de toda significação” (1975, p. 238).

Aqui, o importante para nosso tema é a relação indissolúvel entre a investidura narcisista e o desejo de dominação direcionado para os objetos da realidade. Deste modo, pode-se estabelecer a matriz, ao mesmo tempo *narcisista e objetal*, que caracteriza o funcionamento psíquico para Castoriadis e que é essencial para entender a sublimação. Por exemplo, como satisfação do desejo sexual de dominação a serviço de um fim identificatório e narcisista e não exatamente assexual, como é revelado pela presença da paixão.

3.2 Paixão sublimatória

Castoriadis postula a paixão como dimensão imanente à sublimação. Em *Paixão e conhecimento* (1998), ele escreve que “tudo aquilo que não estiver formalizado ou não seja formalizável no que chamamos de pensamento, ou seja, que não for assimilável a um jogo mecânico, coloca em jogo, ao mesmo tempo, a imaginação e a paixão humanas” (p. 147).

Já que a sublimação é um trabalho da imaginação, uma das coisas significativas para o nosso tema é a co-extensão da imaginação radical e da paixão. Embora ele compartilhe com Piera Aulagnier a definição da paixão como a transformação do objeto de prazer em objeto de necessidade, as diferenças em relação a esta autora são enormes: fundamentalmente, para Castoriadis a paixão não é – como para Piera Aulagnier – sinônimo de alienação.

Um exemplo concreto da relação entre paixão e sublimação é a crença. A existência efetiva da psique implica a apaixonada investidura da imagem de si mesmo e do mundo. No indivíduo social, a investidura apaixonada das significações imaginárias sociais determinará o que constitui o funcionamento psíquico heterônomo: a crença. Esta crença não é nada além do resultado canônico



do processo sublimatório nas sociedades heterônomas. No outro extremo, o outro exemplo da relação paixão-sublimação é o filósofo. Este proclamou a verdade como objeto sublimado de paixão.

Por outro lado, ambos os exemplos permitem ver a correlação desta questão com o tema anterior. Nestes exemplos podemos apreciar a conjunção, na sublimação, do identificatório e do pulsional. A paixão é a presença da pulsão sexual no funcionamento egoico. É o Ego que, empurrado e infiltrado pela pulsão, se apaixona às vezes pelas crenças da tribo, às vezes pela busca da verdade e da justiça. Imaginação e paixão estão presentes, tanto na sublimação do indivíduo heterônimo quanto na do sujeito autônomo (Castoriadis, 1986).

“Assim o ego deixa de ser concebido como possuidor da verdade e passa a ser compreendido como fonte e capacidade, incessantemente renovada, de uma criação onde o pensamento se une a Eros”, escreve André Green (2002, p. 352), enfatizando a importância e originalidade do aporte de Castoriadis. E para concluir vale a pena citar um pouco mais da apreciação (e reivindicação) que Green (2002) faz desse autor:

Castoriadis postulou um imaginário radical graças ao qual o autor reforça a hipótese pulsional de Freud. Para ele, se trata de estabelecer as fontes do sentido e da significação. As preocupações de Castoriadis pelo histórico-social têm repercussões na concepção do psíquico. Graças ao outro, a mônada narcisista sai de seu enclausuramento através do processo de socialização [...] Por último, Castoriadis permitiu o reencontro do valor psicanalítico e do valor social através do conceito de autonomia, que propôs como critério de análise social (p. 352).

4 Para terminar sem encerrar

Espero que aqueles que tiverem tido o paciente interesse de me acompanhar até aqui, considerem suficientemente fundamentada minha ideia segundo a qual Castoriadis desenvolveu uma série de elaborações decisivas sobre a sublimação que constituem o fundamento de uma possível re-elaboração da mesma.

Gostaria de terminar, então, apontando algumas indicações feitas por Castoriadis – embora ele não as tenha desenvolvido – e que podem ser muito úteis para avançar numa das tarefas necessárias à utilização e ao desenvolvimento de suas ideias. Refiro-me ao estabelecimento de uma série de diferenciações e esclarecimentos que procuram complementar a extensão da sublimação.



Para este trabalho de diferenciação, já contamos com uma série de tipos ou modalidades de sublimação mencionada em diferentes contextos pelo próprio Castoriadis. Seguindo uma ordem crescente, seriam eles: 1 – a sublimação ligada à socialização, principalmente como assimilação e adaptação, e muito próxima da introjeção; 2 – a sublimação em jogo no que Castoriadis chama de *capacidade de acolher o novo* que já é reconhecido como tal; 3 – a sublimação que coloca em jogo a criatividade – própria e *ativa*, mas ainda não reflexiva – do sujeito; 4 – a sublimação como práxis, na qual criatividade e reflexividade ocorrem articuladas na subjetividade *autônoma*.

Neste mesmo sentido permito-me terminar sugerindo que talvez seja possível avançar nessa diferenciação, estabelecendo uma denominação definida e um uso nítido de três noções diferentes: a categoria mais ampla do *sublimatório* para a dimensão psíquica correspondente ao processo de socialização; a de *trabalho sublimatório* para o conjunto de mecanismos ou funcionamento que eventualmente desembocará na sublimação propriamente dita e a *sublimação* para a definição freudiana clássica, reformulada com base na perspectiva da imaginação radical e da subjetividade autônoma. □

Abstract

Extended sublimation: pleasure, imagination and social-historical reality in the thinking of Cornelius Castoriadis

This work approaches a series of innovative ideas of Castoriadis on organized sublimation according to three strands. In the first strand he presents re-working through and general extension of sublimation. Makes reference to the idea of extended sublimation on one hand as socialization, and, on the other hand, as a work of radical imagination. In the second strand, presents a series of theoretical contributions for the concept of sublimation. These can be considered as the metapsychological complement of the general extension of sublimation, corresponding to the first strand. He approaches the modifications introduced in the understanding notions of the object of sublimation, sublimatory pleasure, dessexualization, sublimation topic, and, specially, an original idea of support. In the third strand, he deals with some crucial aspects to think the instinctual dimension of sublimation, specifically, the notions of passion and the will to dominate reality.



Keywords: Sublimation. Socialization. Pleasure. Imagination. Cornelius Castoriadis.

Resumen

La sublimación extendida: placer, imaginación y realidad histórico-social en el pensamiento de Cornelius Castoriadis

Este trabajo enfoca una serie de ideas renovadoras de Castoriadis sobre la sublimación organizada de acuerdo a três ejes. En el primer eje, presenta la reelaboración y extensión general de la sublimación. Hace referencia a la concepción de la sublimación extendida, por un lado como socialización y, por otro, como trabajo de la imaginación radical. En el segundo eje, expone una serie de aportes teóricos al concepto de sublimación. Estos se pueden considerar como el complemento metapsicológico de la extensión general de la sublimación correspondiente al primer eje. Enfoca las modificaciones introducidas en la comprensión de las nociones de objeto de la sublimación, placer sublimatorio, desexualización, tópica de la sublimación y, especialmente, una original idea del apoyo. En el tercer eje, trata de ação, prazer sublimatório, dessexualização, tópica da sublimação e, especialmente, uma original ideia de apoio. No terceiro eixo, trata algumas questões fundamentais para pensar a dimensão pulsional da sublimação, especificamente, as noções de paixão e de desejo de dominação da realidade.

Palabras llave: Sublimação. Socialização. Prazer. Imaginação. Cornelius Castoriadis.

Referências

- CASTORIADIS, C. (1975). *La institución imaginaria de la sociedad*. v. 2. Barcelona: Tusquets, 1989.
- _____. (1986). El estado del sujeto hoy. In: *El mundo fragmentado*. Buenos Aires: Altamira, 1993.
- _____. (1998). *Hecho y por hacer*. Buenos Aires: EUdeBA.
- _____. (1998). Pasion y conocimiento. In: *Hecho y por hacer*. Buenos Aires: EUdeBA.
- GREEN, A. (2000). Entrevista. Paris: Cent Ans.
- _____. (2002). *Ideas directrices para un psicoanálisis contemporáneo*. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.



Fernando Urribarri

- LAPLANCHE, J.; PONTALÍS, J-B. (1967). *Vocabulário de psicanálisis*. Madrid: Labor, 1972.
- URRIBARRI, F. (1992). Para pensar lo histórico social: una introducción a Castoriadis. *Revista Zona Erógena*, n. 12.
- _____. (1998). Prólogo: In: CASTORIADIS, C. *Hecho y por hacer*. Buenos Aires: EUdeBA.
- _____. (1999). The psyche: imagination and history. A general view of Cornelius Castoriadis psychoanalytic ideas. *Free Associations*, n. 43.
- _____. (2002). The radical imagination and the pos-lacanian unconscious. *Review Thesis Eleven*, n. 71, p. 40-51.
- _____. (2002). Castoriadis, Lacan y el Postlacaniano. Notas para horizontal el pensamiento de Castoriadis. *Revista Archipiélago*: (54), p. 31-39.

Recebido em 25/05/2011

Aceito em 08/06/2011

Tradução de **Beatriz Affonso Neves**

Revisão técnica de **Neusa Knijnik Lucion**

Fernando Urribarri

Av. Callao 1960 4º piso (Recoleta)

Ciudad Autonoma de Buenos Aires

e-mail: zonaerogena@yahoo.com

© Fernando Urribarri

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA